

Antônio Augusto Moreira de Faria

E O LEITOR ENTENDE

*O Papel do Conectivo E na Compreensão de Textos*

Belo Horizonte  
1985

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

E O LEITOR ENTENDE

— O PAPEL DO CONECTIVO E NA COMPREENSÃO DE TEXTOS —

*Antônio Augusto Moreira de Faria*

*Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Linguística.*

*Belo Horizonte*

1985

Agradecimentos são algo perigoso, pelo risco de injustiças que carregam — quase tudo que vivemos envolve tanta gente, que nem sempre conseguimos reconhecer a participação de todos. Mas aqui e agora seria também injustiça não mencionar algumas das pessoas sem as quais dificilmente esta dissertação teria sido feita. É um dever e uma satisfação agradecer a

- . Mário Alberto Perini, pela orientação incansavelmente dedicada, estimulante e desafiadora;
- . Maria Laura Mayrink-Trindade Sabinson, Rosália Dutra, Carlos Maciel da Cunha e Marco Antônio Oliveira, pelo que me proporcionaram em conhecimentos e atitudes diante da linguagem, em seus cursos na Pós Graduação da FALE/UFMG;
- . Clara Grimaldi Eleazaro, Letícia Mallard, Milton do Nascimento e Samuel Moreira, pelo que, ontem como professores e hoje como colegas, me têm ensinado;
- . Maria Lúcia Dessen, Daniel Alvarenga, João Carlos de Mello Mota e Lívio Viggiano, pelo apoio em momento decisivo de minha vida profissional;
- . Eunice Nicolau, Jânia Ramos, Júnia Campas Passos, Lúcia Fulgêncio, Maria do Carmo Viegas e César Augusto Reis, pelo incentivo-interesse constante;
- . Aparecida, Cleusa, Dulcinéia, Rosária, Darci, Fernando, Francisco, Jair e Roberto Moura, pelos serviços de apoio;
- . Xico, Lucinha, Márcia, Fernando, Mário, Carlos Gohn, Barreto, Graça, Maura, Adrete, Eduardo, Merry, Lillian, Nilza, Magda, Adélia, Rozário, Moacir, Renê, Paulo, Armando, Ítalo, Neri, Rosa, Teca, Tércia, Marlene e Ceres, pela convivência amiga que tem tornado possível esta dissertação e muito mais de gratificante na vida;
- . Meus pais e irmãos.

## RESUMO

Esta dissertação procura explicitar alguns dos recursos que o leitor utiliza, sem consciência de que o faz, para enfrentar as tarefas necessárias ao processamento das seqüências de sentenças que constituem um texto.

A primeira parte do trabalho apresenta uma perspectiva teórica sobre as linhas gerais desse processamento. Assim, a seção 1.1 tenta descrever o funcionamento da leitura como processo previsivo, clareando o relacionamento entre dois fatores nela envolvidos, informação visual e informação não-visual, inclusive exemplificando a participação de um dos componentes desta última, os esquemas de informação interiorizados pelo leitor, no processo de previsão. Por sua vez, a seção 1.2 busca detalhar o funcionamento desses esquemas, que permitiriam ao leitor fazer as previsões necessárias à compreensão, através do preenchimento das variáveis, um dos tipos de constituintes dos referidos esquemas. Outro constituinte dos esquemas — as expectativas — é também estudado na seção 1.2, que discute sua importância crucial no modelo teórico de '*compreensão previsiva*' da leitura, na medida em que o leitor basearia suas previsões, em larga parte, nas expectativas presentes nos esquemas. Além disso, a seção 1.2 exemplifica o processamento de sentenças explicitando a participação de todos os constituintes dos esquemas, não apenas as mencionadas variáveis e expectativas, mas também o núcleo. Já a seção 1.3 procura determinar o papel dos conectivos na compreensão de textos, situando-os em um quadro de recursos à disposição do leitor para que este possa captar as relações entre as sentenças do texto, no que chamo de ' *sinalização*'.

A segunda parte da dissertação objetiva desenvolver a discussão dos recursos imediatamente antes referidos a partir dos quais o lei-

tor desvenda as relações intersentenciais do texto. Nesse sentido, as seções 2.1 e 2.2 estabelecem quatro traços semânticos relacionais — Expectativa, Causalidade, Seqüência Temporal e Realidade — que interviriam no processamento de textos. A seção 2.3 mostra que esses traços parecem concentrar-se como feixes nas conexões de sentenças, feixes processados simultaneamente pelo leitor. E os recursos com que o leitor realizaria tal processamento são levantados na seção 2.4.

Finalmente, a terceira parte do trabalho aborda implicações pedagógicas do mesmo, quanto a elaboração e avaliação de textos, relativas ao emprego do conectivo e na superação da insuficiência de informação esquemática para a compreensão de relações entre sentenças nas quais ocorrem dois dos traços semânticos relacionais pesquisados, a saber, [2 Expectativa] e [1 Seqüência Temporal].

## ÍNDICE

1. <i>UMA VISÃO DO PROCESSO DA LEITURA</i> .....	01
1.1. <i>A Leitura Como Processo Previsivo</i> .....	01
1.2. <i>Os Esquemas na Compreensão de Textos</i> .....	06
1.2.1. <i>A noção de esquema</i> .....	06
1.2.2. <i>A constituição do esquema</i> .....	08
1.2.2.1. <i>Núcleo</i> .....	08
1.2.2.2. <i>Variáveis</i> .....	08
1.2.2.3. <i>Expectativas</i> .....	10
1.2.3. <i>Um exemplo de processamento de sentenças</i> .....	14
1.3. <i>Conectivos: Auxiliares dos Esquemas na Construção de Pontes entre Informações</i> .....	15
1.4.0 <i>Objetivo da Dissertação</i> .....	19
Notas .....	21
2. <i>POSSIBILIDADES DE RELAÇÃO SEMÂNTICA ENTRE SENTENÇAS</i> .....	23
2.1. <i>Observações Iniciais</i> .....	23
2.2. <i>Caracterização de Quatro Traços Semânticos Relacionais</i> ..	25
2.2.1. <i>Traço 'Expectativa'</i> .....	25
2.2.2. <i>Traço 'Causalidade'</i> .....	26
2.2.3. <i>Traço 'Sequência Temporal'</i> .....	27
2.2.4. <i>Traço 'Realidade'</i> .....	28
2.3. <i>As Conexões Intersentenciais Como Feixes de Traços Relacionais</i> .....	31
2.4. <i>Depreensão dos Traços Semânticos Relacionais</i> .....	33
2.4.1. <i>Depreensão do traço 'Expectativa'</i> .....	35
2.4.2. <i>Depreensão do traço 'Causalidade'</i> .....	39
2.4.3. <i>Depreensão do traço 'Sequência Temporal'</i> .....	41
2.4.4. <i>Depreensão do Traço 'Realidade'</i> .....	47
Notas .....	50

3. ALGUMAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS .....	51
3.1. Primeiras Considerações .....	51
3.2. [2 Expectativa] .....	53
3.3. [1 Seqüência Temporal] .....	56
4. CONCLUSÕES .....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	60

## 1. UMA VISÃO DO PROCESSO DA LEITURA

### 1.1. A Leitura como Processo Previsivo

Alguém que se emociona com a leitura de um poema, que se informa folheando um jornal, que se distrai com uma revista em quadrinhos ou que se concentra no estudo de um tratado jurídico provavelmente jamais se dará conta da complexidade das atividades que realiza quando lê.

O leitor não necessitará de uma reflexão muito elaborada para compreender que assimila informações durante a leitura. Facilmente perceberá também que, para assimilar as informações, precisa de alguma bagagem de conhecimentos anterior.

Mas a natureza dessa bagagem anterior e o seu relacionamento com as informações assimiladas na leitura são aspectos até hoje desconhecidos em grande parte, não só pelo leitor comum mas também pela própria ciência da linguagem.

E no processo da leitura seria fundamental o relacionamento entre as informações assimiladas no ato de ler e a bagagem anterior a tal ato, segundo um dos pesquisadores do assunto, para quem "*a leitura não é uma simples atividade visual*" (Smith, 1978:10)<sup>1</sup>. Para Smith, a leitura consistiria em interação entre os fatores que ele denomina informação visual e informação não-visual.

A informação visual seria aquela com que o leitor tem contato quando no próprio ato da leitura, a informação que "*chega através dos olhos ao cérebro*" (Smith, 1978:4) e "*vai embora quando a luz se apaga*" (idem, ibidem).

A informação não-visual seria aquela que o leitor já traz quando se defronta com um texto. Haveria três tipos de informação não-visual: o conhecimento da língua, o conhecimento do assunto e o "*Conhecimento de como ler*"<sup>2</sup>.



É óbvia a importância do conhecimento da língua. Dificilmente alguém conseguirá compreender um texto redigido em língua desconhecida.

Menos óbvia é a importância do segundo tipo de informação não-visual, o conhecimento do assunto. É este fator que torna difícil, por exemplo, a leitura de uma publicação especializada — em física, lingüística, cardiologia ou qualquer outra área do conhecimento humano — a um leigo que não sente grandes dificuldades na leitura de um romance ou um jornal.

E nada óbvia é a relevância do terceiro tipo de informação não-visual, o conhecimento de como ler. Alguém pode dominar perfeitamente seu idioma — o português, digamos — e um determinado assunto — esportes, por exemplo — e ainda assim terá enorme dificuldade na leitura de uma revista como Placar se a tentar ler de baixo para cima e da direita para a esquerda.

O conhecimento de como ler certamente envolve toda uma ampla gama de fatores e abrange até mesmo o que o leitor, diante de um texto, seleciona para ser lido. Isto porque, ao contrário do que sugere o senso comum, a leitura parece não ser um processo linear, em que o leitor examinaria o texto, palavra por palavra. Segundo Smith (1978:39) só é possível compreender um texto lendo-o a uma velocidade de pelo menos 200 palavras/minuto. A uma velocidade menor, "as palavras estariam sendo lidas mais como unidades isoladas do que como seqüências com sentido" (id., ib.). Nesta visão, "o segredo de ler eficientemente não é ler indiscriminadamente, mas extrair amostras do texto. O cérebro deve ser parcimonioso, fazendo máximo uso do que já sabe<sup>3</sup> e analisando o mínimo de informação visual requerida para verificar ou modificar o que pode prever sobre o texto" (Smith, 1978:40).

E aqui se torna necessário acrescentar aos fatores acima mencionados, pela importância que parece ter no processo da leitura e por se achar ligada ao '*conhecimento de como ler*', a previsão, outro aspecto ignorado pelo senso comum.

Como a 200 palavras/minuto o leitor não leria todas as palavras de um texto, ele procuraria identificar não todas, mas as principais informações do texto e relacioná-las:

- (a) entre si;
- (b) com as informações que, anteriormente à leitura do texto, já tinha sobre o assunto;
- (c) com as demais informações do texto, na medida em que isto fosse necessário para a compreensão do mesmo.

Com estes três níveis de relacionamento<sup>4</sup> o leitor constituiria o '*fio condutor*' das informações do texto.

A compreensão de textos seria uma "*compreensão previsiva*"<sup>5</sup>, na medida em que a previsão se tornaria necessária para o leitor estabelecer os relacionamentos acima expostos.

Isto fica mais claro a partir de

- (1) Genivaldo deve estar com dor-de-cabeça. Ele está tomando aspirina.
- (2)\* Genivaldo deve estar com dor-de-cabeça. Ele está tomando água.

Por que (2) é mais estranha do que (1)?

A primeira sentença de (1) e (2) remete a um conjunto de informações sobre dor-de-cabeça interiorizadas pelo leitor, conjunto esse que seria um dos componentes do que Schank (1978) chama de "*script*" e que chamarei de "*esquema*", seguindo Rumelhart e Ortony (1976), Kato (1983) e Perini (1983 e 1984). Para a compreensão de (1), é necessário

saber que aspirina é usada com frequência no tratamento de dor-de-cabeça. Esta informação, que não está presente explicitamente em (1), mas consta no esquema de dor<sup>6</sup>, permite ao leitor prever que Genivaldo está tomando aspirina — informação da segunda sentença de (1) — para aliviar-se do que é informado na primeira sentença — dor-de-cabeça. As informações presentes nas duas sentenças de (1) são integradas em uma totalidade coerente por serem relacionadas entre si e também com uma informação não-visual, presente em um dos esquemas do leitor: a informação de que aspirina é usada contra dor-de-cabeça.

Já em (2) ocorre algo diferente. Não havendo relação próxima entre dor-de-cabeça e água, esta segunda informação não estaria presente no esquema de dor. Consultar esse esquema não ajuda o leitor a estabelecer relacionamento entre as duas sentenças, tornando-se para ele mais difícil integrá-las. Como em (2) a possibilidade de previsão é pequena, sua compreensão é mais difícil do que, por exemplo, a de (1).

O confronto de (1) com (2) comprova que "a integração de uma série de sentenças em um todo coerente depende de algo mais do que a simples compreensão do conteúdo explícito do texto: depende também de encadeamentos lógicos implícitos, e estes por sua vez dependem de certos conhecimentos prévios de caráter não-lingüístico" (Perini, 1980:4). O relacionamento informação visual/informação não-visual torna (1) mais compreensível do que (2), na medida em que ajuda o leitor a fazer a previsão necessária à compreensão: em (1), a partir do que seus olhos vêem no par de sentenças (informação visual), o leitor consulta o esquema de dor e lá encontra a informação (não-visual) de que aspirina é empregada na cura de dor-de-cabeça, prevendo então que Genivaldo está tomando aspirina para se aliviar da dor, estabelecendo portanto um relacionamento não-explicito em (1) e compreendendo esta seqüência; já em (2) tal processo não ocorre, pois a in

formação não-visual não se relaciona com informação visual que possibilite ao leitor ligar as duas sentenças do par.

Devo mencionar entretanto que algumas pessoas às quais apresentei (2), apesar de a acharem estranha, tentaram encontrar sentido nesta seqüência (por exemplo, perguntando se a água estaria causando a dor-de-cabeça em Genivaldo). Essas tentativas de "forçar a barra" na interpretação de (2), dando-lhe algum sentido mesmo que bastante inusitado, sugerem que os leitores processam os textos dentro do que Clark e Clark (1977:72) denominam "*princípio da realidade*", segundo o qual "*os ouvintes interpretam sentenças na crença de que o falante se refere a uma situação ou a um conjunto de idéias que podem ter sentido para eles*"<sup>7</sup>.

O que tento fazer até aqui é o início da discussão do processo da leitura na visão de Fisher e Smith (1977:24); para eles, o que o leitor faz é "*procurar relações possíveis entre quaisquer sentenças do texto e processá-lo ativamente*". A meu ver, a ênfase no caráter ativo, e não passivo, do papel do leitor passa pelos esquemas que este interioriza e que lhe permitem relacionar as sentenças do texto e fazer previsões.

Antes de prosseguir, quero registrar que a interação informação visual/informação não-visual se dá não apenas entre informações de sentenças contíguas, mas também entre informações presentes em sentenças não-contíguas, como

(3) Eusébia é corajosa. Ludovico a respeita muito. Ontem, ela brigou com um professor autoritário.

A terceira sentença relaciona-se mais com a primeira do que com a segunda. O que tornou Eusébia capaz de enfrentar um professor autoritário — informação da terceira sentença — não foi o respeito que ela merece de Ludovico — informação da segunda sentença — mas sim sua coragem — informação da primeira sentença. E o que possibilita

ao leitor relacionar a primeira e a última sentenças de (3) é algo que não está explícito no texto mas faz parte do esquema de coragem: a informação de que esta característica leva a pessoa a enfrentar o autoritarismo.

Sintetizo a perspectiva que estou expondo sobre o processo da leitura com a tese central de que ele se daria em função do relacionamento informação visual/informação não-visual. A compreensão seria, na leitura, a síntese do confronto entre a informação visual e a não visual. Para estabelecer o relacionamento entre estes dois tipos de informação, o leitor recorreria aos esquemas. O confronto da informação visual com os esquemas a que ela remete permitiria ao leitor integrá-la em uma totalização abrangente, situando-a no contexto do que já conhecia sobre o assunto anteriormente à leitura do texto (conhecimento do assunto: um dos tipos de informação não-visual); o leitor poderia então fazer as previsões necessárias para relacionar o que está explícito no texto (informação visual) com o que não está explícito no texto, sendo de conhecimento prévio por parte do leitor (informação não-visual).

## 1.2. Os Esquemas na Compreensão de Textos

### 1.2.1. A Noção de Esquema

Cabe agora clarear, por sua importância na perspectiva teórica que estou esboçando, a noção de 'esquema'.

Para Rumelhart e Ortony (1976:3-4), "esquemas são estruturas de dados para representar os conceitos genéricos armazenados na memória. Eles existem como conceitos gerais subjacentes sobre objetos, situações, eventos, seqüências de eventos, ações, seqüências de ações (...). Um esquema contém, como parte de sua especificação, a rede de inter-

relações que se acredita haver entre os constituintes do conceito em questão. Esquemas, de certa forma, representam estereótipos desses conceitos. Embora seja uma certa simplificação do assunto, um esquema pode ser pensado como análogo a uma peça de teatro, com a estrutura interna do esquema correspondendo ao 'script' da peça."

Segundo Kato (1983:26), "um esquema é uma teoria prototípica do significado, porque corresponde ao significado de um conceito codificado em termos de eventos típicos, ou normais, que instanciam esse conceito. Nesse sentido, os esquemas representam mais um conhecimento do sujeito do que uma definição. Esse conhecimento não se limita a conceitos veiculados por palavras, mas também aqueles veiculados por sintagmas mais complexos, tais como crise do petróleo, homem de negócios, etc."

Na visão de Perini (1984:9), os esquemas seriam entidades cognitivas representando o conhecimento de mundo das pessoas. O conhecimento do mundo não seria imediato, mas sim necessariamente mediado por uma representação esquemática. Perini se interessa especialmente pelos esquemas ativados por expressões lingüísticas. Por exemplo: ao se deparar com uma palavra como futebol, o leitor seria remetido às informações sobre esse esporte armazenadas em seu cérebro; diante de uma expressão como Copa do Mundo, o leitor evocaria informações de que dispõe sobre tal evento. Ou seja, as expressões lingüísticas de certa forma 'disparariam' os esquemas, proporcionando-lhes o estímulo inicial para funcionamento; isto é, informação visual lingüística (as expressões) ativando informação não-visual cognitiva (os esquemas).

Quanto à ativação dos esquemas, é preciso assinalar também que ela ocorreria a partir de diversos tipos de estímulos, não apenas os lingüísticos. O pai que, observando um retrato de sua filha, lembra-se de fatos da vida dela teve seus esquemas ativados por estímulo

não-lingüístico. Alguém que ouve o apito de uma locomotiva pode ter ativado seu esquema referente a ferrovia sem usar esta palavra ou qualquer outra. A pessoa que escuta um tamborim pode ter seu esquema de samba ativado apenas pelo som daquele instrumento.

### 1.2.2. A Constituição do Esquema

A operação do esquema se daria em função da estrutura interna do mesmo. Neste aspecto, enquanto Rumelhart e Ortony mencionam somente um dos tipos de constituintes do esquema, as variáveis, Perini (1983 e 1984) trabalha também com outros dois tipos, o núcleo e as expectativas.

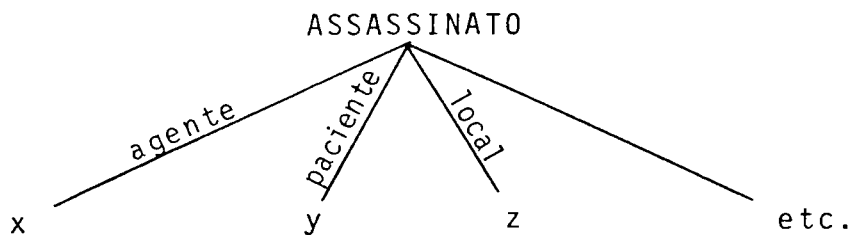
#### 1.2.2.1. Núcleo

O núcleo seria formado por traços como 'humano', 'animado' e outros, traços essenciais para a caracterização de um conceito "enquanto reflexo de uma realidade exterior. Assim, um GATO é 'animado' e 'não-humano' — e se não tiver esses traços deixa de ser um gato. Esses traços formam como que o núcleo básico do esquema, aquele que corresponde, por um lado, a uma configuração lingüística, e, por outro lado, a um recorte do mundo dos conceitos. A esses ingredientes chamarei simplesmente traços" (Perini, 1984:10). Assim como para GATO haveria, entre outros, traços nucleares como 'animado' e 'não-humano', JULIETA teria, por exemplo, traços como 'animado', 'humano' e 'feminino'; em BOLA, o núcleo seria composto por traços como 'não-animado', 'não-humano', 'esférico'; e assim por diante.

#### 1.2.2.2. Variáveis

As variáveis seriam características necessariamente ligadas ao esquema, manifestando-se de forma específica em cada ocasião. Rumelhart e Ortony (1976:4) as comparam aos diferentes papéis de uma pe-

ça, que podem ser desempenhados por diferentes atores em diferentes situações. Perini (1984:11) exemplifica o esquema de ASSASSINATO como tendo as variáveis 'agente', 'paciente', 'local', 'tempo' e 'mêtodo', e representa visualmente tais variáveis da seguinte maneira:



Isto fica mais claro, em termos práticos, a partir de sentenças como

(4) Dois pistoleiros assassinaram, na localidade de Serra das Araras, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Francisco.

A compreensão de (4) se daria na medida em que o leitor fosse preenchendo, a partir dos dados presentes na sentença, as variáveis do esquema de ASSASSINATO:

x (agente) —————> dois pistoleiros  
y (paciente) —————> o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Francisco  
z (local) —————> Serra das Araras

Esta compreensão passa pelo confronto entre informação visual (as expressões linguísticas existentes na sentença) e informação não-visual (o esquema de ASSASSINATO).

Parece-me importante assinalar que por vezes as variáveis não são todas preenchidas, e que isto não prejudica a compreensão das sentenças. É o caso de



(5) Aparício viajou.

No esquema de VIAGEM<sup>8</sup>, uma das variáveis certamente seria destino, a ser preenchida com informação referente ao lugar para onde se deu a viagem. Esta informação não está presente em (5), e ainda assim o leitor compreende a sentença; ele sabe que Aparício viajou para algum lugar, mesmo não tendo sido informado precisamente sobre qual é esse lugar.

(5) sugere que o conhecimento de mundo do leitor o faz interiorizar não apenas o núcleo do esquema, mas também suas variáveis, permitindo-lhe compreender o conteúdo básico das sentenças superando as sências parciais de informação.

Isto provavelmente é de grande importância para a apreensão do relacionamento entre sentenças, como pode ser visto em

(6) Florêncio foi assassinado em sua casa. No dia seguinte, a polícia prendeu Asdrúbal.

Os leitores entenderiam (6) por saberem que o assassinato mencionado na primeira sentença tem um agente, embora não especificado, ou seja, por saberem que o esquema de ASSASSINATO tem agente como uma de suas variáveis. Deparando-se com a segunda sentença de (6), os leitores levantariam a hipótese de que Asdrúbal seria o agente do crime; em outros termos, preencheriam com o item léxico Asdrúbal a variável agente do esquema de ASSASSINATO.

### 1.2.2.3. Expectativas

O terceiro tipo de constituinte do esquema seriam as expectativas, "um tipo de informação que não é essencial à definição de um esquema mas que está ligada a ele de alguma forma. O esquema de GATO inclui traços como 'animado', 'quadrúpede' e variáveis como 'raça' e 'cor'. Além disso, podemos dizer que GATO inclui a expectativa de que

'caça ratos'. É fácil ver como a expectativa é diferente dos traços e variáveis: sua presença não é essencial para caracterização de um esquema — um gato que não cace ratos é, ainda assim, um gato de pleno direito." (Perini, 1984:12)

Tratando deste assunto em outro texto (1983:4), Perini conceitua a expectativa como "uma conexão que relaciona dois esquemas, ou então uma variável de um esquema a outro esquema(...)". As conexões são de diversos tipos, sendo rotuladas de acordo: para, sentimento etc. Assim, os esquemas de FACA e CORTAR se relacionam através de uma expectativa da categoria para, o que pode ser representado graficamente da seguinte maneira:

FACA — para —> CORTAR"

Fica então mais claro o papel das expectativas no relacionamento de esquemas. Haveria, por exemplo, na categoria de 'expectativas para' (que designo como 'expectativa de finalidade'):

GATO — para (caçar) —> RATO  
 CADEIA — para (aprisionar) —> CRIMINOSO  
 DINHEIRO — para —> COMPRAR

e assim por diante. A categoria 'expectativa de sentimento' teria, entre outras, manifestações como

AVO — sentimento —> BONDADE  
 MORTE — sentimento —> TRISTEZA  
 FESTA — sentimento —> ALEGRIA etc.

A noção de expectativa, pouco usual na literatura lingüística, me parece de grande importância na explicitação do processo da leitura. Se este processo é de "compreensão previsiva", conforme exposto na seção 1.1., o que o leitor faz durante todo o tempo é criar expectativas e verificar se elas são corretas. Nesse sentido, observo que

o leitor parte do pressuposto de que as expectativas por ele criadas são realmente corretas. A evidência que vejo para tal hipótese é o fato de ser necessária a presença formal de conectivos em casos nos quais uma expectativa é contrariada.

Isto pode ser mostrado a partir de

(7) ?Pedro gosta de Teresa. Namora Juraci.

A estranheza diante de (7) é desfeita quando a segunda sentença do par é precedida de conectivo:

(8) Pedro gosta de Teresa. E namora Juraci.

(9) Pedro gosta de Teresa. Mas namora Juraci.

Como a expectativa é contrariada, o leitor precisa de algum sinal, alguma pista<sup>9</sup>, que o avise dessa contrariedade. Existindo o conectivo como sinal em (8) e (9) mas não em (7), esta seqüência torna-se de compreensão mais difícil.

É preciso também clarear algo um tanto surpreendente à primeira vista: as expectativas não correspondem necessariamente aos fatos da vida real. Isto é verificado a partir de

(10) Edgar convidou Tânia para um churrasco. Ela aceitou o convite.

e

(11) \*Edgar convidou Tânia para um churrasco. Mas ela aceitou o convite.

A estranheza de (11) mostra que realmente existe a expectativa de que convites sejam aceitos, embora na vida real seja cotidiana a não-aceitação dos mesmos.

Outro exemplo de que nem sempre as expectativas se casam com a vida real é

(12) ??Dona Joana é madraستا de Pedro. Mas ela é malvada com ele.

Os falantes por mim consultados foram unânimes em considerar (12) "*esquisita*". Apesar de não haver estudo rigoroso sobre a questão, a crença generalizada é de que madraستas são malvadas.

No quadro teórico em que estou trabalhando, a compreensão de (10) e a estranheza (ou seja, dificuldade de compreensão) de (11) passariam pela possibilidade de os esquemas de CONVITE e de ACEITAR estarem relacionados por uma expectativa de finalidade (expectativa do tipo para). E a estranheza de (12) se daria em função de o esquema de MADRAСТА estar ligado, através de uma expectativa de sentimento, ao esquema de MALVADA.

Portanto, parece que a elaboração dos esquemas a partir dos quais o leitor criaria expectativas, tentando confirmá-las durante a leitura, se envolve em todo um complexo cultural. Na cultura esquimô ou na pataxô, os esquemas de MADRAСТА e de MALVADA talvez não estejam ligados. O esquema de TRANSPORTE interiorizado por um comerciário paulistano certamente estará ligado ao esquema de ÔNIBUS, mas dificilmente ao esquema de JEGUE, o qual por sua vez provavelmente estará relacionado ao esquema de TRANSPORTE de um lavrador do sertão nordestino. O mesmo esquema do mesmo lavrador, entretanto, dificilmente estará relacionado ao esquema de HELICÓPTERO; esta relação, todavia, certamente é interiorizada por um engenheiro que trabalha em plataforma marítima de exploração de petróleo.

Mesmo que breve, um comentário sobre expectativas não poderia omitir que estas desempenham papel fundamental não apenas na leitura, mas também nas demais dimensões da vida.

Quando alguém abre uma porta, o faz na expectativa de que do outro lado da porta haja, entre outras coisas, um chão sobre o qual possa caminhar, e não, por exemplo, um precipício. Quando alguém pula em uma piscina, o faz na expectativa inconsciente de que vã se mo

lhar no contato com água, e não de que vá se queimar no contato com fogo. Quando alguém come, o faz na expectativa de que vá matar a fome, e não de que vá aumentá-la.

Do começo ao fim do dia, do início ao término da vida, as pessoas criam expectativas, fazem previsões, na maioria absoluta das vezes sem consciência. Não seria exagero afirmar que o ser humano vive em expectativa.

A percepção disto me parece necessária para a compreensão da importância do trabalho realizado no sentido de apreensão e formalização da estrutura interna do esquema. É a tentativa de apreender e formalizar um dos mais importantes fatores envolvidos na atividade humana, sem o qual seria impossível a compreensão tanto na leitura quanto nos demais aspectos da vida.

### 1.2.3. Um Exemplo de Processamento de Sentenças

Esta exposição sobre a estrutura interna dos esquemas me permite explicitar com mais precisão a diferença entre a compreensão de

(1) Genivaldo deve estar com dor-de-cabeça. Ele está tomando aspirina

e

(2) \*Genivaldo deve estar com dor-de-cabeça. Ele está tomando água.

Uma das expressões essenciais à interpretação de (1) e (2), dor-de-cabeça, pode ser detalhada em termos do esquema de DOR:

(a) o núcleo teria traços como 'sensação', 'física' e 'não-agradável';

(b) entre as variáveis estariam:

(b1) paciente (preenchida com Genivaldo),

(b2) local (preenchida com cabeça);

(c) uma das expectativas seria ser evitada.

Por outro lado, aspirina poderia ser uma das variáveis do esquema de ANALGÉSICO, o qual teria em sua constituição:

- (a) no núcleo, 'medicamento' como traço essencial;
- (b) entre outras variáveis, xilocaína, morfina, além de aspirina;
- (c) entre outras, a expectativa de finalidade (no caso, para evitar dor).

Haveria então um entrelaçamento dos esquemas de DOR e de ANALGÉSICO a partir da combinação, da compatibilização de suas expectativas, que funcionariam exatamente como "uma conexão que relaciona dois esquemas, ou então uma variável de um esquema a outro esquema" (Perini, 1983:4).

Mas, como água não seria uma das variáveis no esquema de ANALGÉSICO, em (2) não haveria a compatibilização de expectativas existente em (1), tornando aquela seqüência de compreensão mais difícil.

### 1.3. Conectivos: Auxiliares dos Esquemas na Construção de Pontes entre Informações

O que foi visto até agora mostra a importância dos esquemas na apreensão do relacionamento entre sentenças realizada pelo leitor. Os esquemas funcionam como uma espécie de ponte invisível entre elementos visíveis: em (1), por exemplo, as expressões aspirina e dor-de-cabeça, presentes no par de sentenças, são ligadas por meio do esquema no qual consta a expectativa de que aspirina evite dor-de-cabeça, informação não explícita em (1).

Entretanto, há situações em que os esquemas, somente, não são suficientes para a percepção das relações intersentenciais, sendo necessária a presença de outros elementos para a construção da ponte entre as informações explícitas. É o caso de

(13)\*A mãe de Orozimbo adoeceu em Curitiba. Ele tem medo de viagens.  
Foi para Curitiba.

(14)? A mãe de Orozimbo adoeceu em Curitiba. Ele tem medo de viagens.  
E foi para Curitiba.

(15) A mãe de Orozimbo adoeceu em Curitiba. Ele tem medo de viagens.  
Mas foi para Curitiba

(14) parece (a mim e a colegas que consultei) de compreensão mais nítida e imediata do que (13), e (15) de compreensão mais nítida e imediata do que ambas. A explicação que encontro para a diferença perceptual entre as três seqüências é que em todas elas a terceira sentença contraria uma expectativa criada na segunda (Orozimbo ter medo de viagens cria expectativa de que ele não viaje). O leitor de (13), após ler a segunda sentença da seqüência, é de certa forma surpreendido pela terceira. Essa surpresa é atenuada em (14) com o conectivo e, o chamado e adversativo, e desfeita em (15) em função do emprego de mas.

O leitor de (13), ao passar da segunda sentença para a terceira, não encontra advertência de que a expectativa criada na segunda sentença será contrariada na terceira. Já o leitor de (14) e (15) é de certa forma avisado, pelos conectivos, de que a expectativa será contrariada; e o aviso parece ser mais claro em (15) do que em (14).

Vejo então que os conectivos parecem funcionar na leitura como sinais de trânsito. Onde o trânsito se processa tranquilamente, sem maiores possibilidades de batidas, engarrafamentos ou outros problemas, a sinalização não é importante. Todavia, quando o trânsito se processa em fluxo tal que começa a haver distúrbios como os mencionados, torna-se necessária a sinalização.

Na leitura, quando o fluxo de informações se processa 'naturalmente', sem grandes imprevistos, não há necessidade da 'sinalização

conectiva'; é este o caso, por exemplo, de

(1) Genivaldo deve estar com dor-de-cabeça. Ele está tomando aspirina.

Mas quando ocorrem imprevistos, 'anormalidades', como uma expectativa ser contrariada, torna-se necessária a sinalização conectiva, como em

(13)\*A mãe de Orozimbo adoeceu em Curitiba. Ele tem medo de viagens.  
Foi para Curitiba.

(14)? A mãe de Orozimbo adoeceu em Curitiba. Ele tem medo de viagens.  
E foi para Curitiba.

(15) A mãe de Orozimbo adoeceu em Curitiba. Ele tem medo de Viagens.  
Mas foi para Curitiba.

Eu diria que o processamento de (1), como não encontra problemas quanto ao preenchimento de expectativas, está em faixa de alta previsibilidade. Já em (13), (14) e (15) há problemas quanto ao preenchimento de expectativas, colocando estas seqüências em operação numa faixa de baixa previsibilidade. E a sinalização conectiva seria necessária exatamente ao processamento em baixa previsibilidade.

Parece haver um contínuo de informatividade nas conexões intersentenciais. Em (13), (14) e (15), por exemplo, esse contínuo seria

(16) mas > e >  $\emptyset$

O leitor estaria, em (13), em situação análoga à de um motorista que, no cruzamento de duas movimentadas avenidas, não conta com auxílio de semáforo: teria muita dificuldade para transpor o cruzamento. Em (14) o leitor estaria na situação do motorista que cruza a



avenida movimentada com o semáforo na luz amarela: o motorista passa pela avenida com relativa, mas não total, segurança. E em (15) o leitor se compararia ao motorista que cruza a avenida movimentada sob a luz verde do semáforo: sem dificuldade.

Quero realçar que a hierarquia de sinalização esboçada em (16) não é 'ad hoc'; ao contrário, parece-me de generalização válida para os casos de relação semântica intersentencial adversativa, como

(2)\*Genivaldo deve estar com dor-de-cabeça. Ele está tomando água.

(2')? Genivaldo deve estar com dor-de-cabeça. E ele está tomando água.

(2'') Genivaldo deve estar com dor-de-cabeça. Mas ele está tomando água.

Ou ainda

(7) ? Pedro gosta de Teresa. Namora Juraci.

(8) Pedro gosta de Teresa. E namora Juraci.

(9) Pedro gosta de Teresa. Mas namora Juraci.

(16) procura explicitar uma hierarquia na informatividade das conexões intersentenciais. Quanto menos informativa for a conexão, mais o leitor dependerá dos esquemas. Daí a dificuldade na compreensão de (13): a informatividade da conexão, sendo praticamente nula, coloca o leitor em grande dependência dos esquemas. Todavia, os esquemas por si sô não são suficientes para permitir ao leitor estabelecer o relacionamento entre as sentenças, integrando-as em um todo coerente.

Há portanto na compreensão de textos uma interação de fatores lingüísticos e cognitivos. A um fator cognitivo, maior ou menor dificuldade do leitor de captar uma contrariedade de expectativa (ou, em termos mais usuais, uma relação semântica adversativa), como em (13),

(14) e (15), prende-se um fator lingüístico, ausência ou presença de conectivo (e, em caso de presença, de qual conectivo). A compreensão seria a síntese do confronto entre o fator lingüístico e o cognitivo.

#### 1.4. O Objetivo da Dissertação

Meu propósito neste trabalho é investigar o relacionamento entre o plano cognitivo e o lingüístico no processo da leitura, concentrando-me neste último. Presumo que tal plano seja crucial para as estratégias<sup>10</sup> interiorizadas pelo leitor e por ele usadas na leitura dos textos com que se defronta. A hierarquia de sinalização conectiva esboçada em (16), por exemplo, sugere que uma das estratégias empregadas na leitura seria

(17) a probabilidade de uma interpretação adversativa é mas > e >  $\emptyset$

Esta dissertação vai estudar o papel do conectivo e na percepção do relacionamento entre sentenças contíguas, ou seja, até que ponto este conectivo auxilia os esquemas a servirem de pontes entre as informações presentes nas sentenças. Escolhi e não apenas em função de sua frequência na língua portuguesa, mas também, e principalmente, pela pluralidade semântica que pode veicular, como se vê a partir de

(18) Hermengarda gosta de Ludovico. E namora Prudêncio.

(19) Hermengarda caiu da moto de Prudêncio. E machucou-se.

(20) Hermengarda é datilógrafa da CEMIG. E seu namorado é engenheiro da COPASA.

Em (18) ocorre mais um caso de e adversativo: uma expectativa criada a partir da primeira sentença é contrariada na segunda (a in-

formação de que Hermengarda gosta de Ludovico cria expectativa de que Hermengarda namore o próprio Ludovico, e não outra pessoa). Em (19) há o e consecutivo: a segunda sentença exprime uma consequência do que é informado na primeira, ou seja, uma expectativa criada na primeira sentença é correspondida na segunda (a informação de que Hermengarda caiu da moto cria expectativa de que ela tenha se machucado). Já em (20) o e me parece neutro semanticamente: não vejo expectativa alguma que o conectivo esteja sinalizando.

NOTAS

- <sup>1</sup>Tradução minha (assim como nas demais citações).
- <sup>2</sup>"*Knowledge of how to read*" (Smith, 1978:5).
- <sup>3</sup>Ou seja, do conhecimento do assunto, na terminologia que estou empregando.
- <sup>4</sup>Relacionamento entre informação visual (aquela que o leitor está contactando no momento da leitura) e informação não-visual (em um de seus três tipos: conhecimento prévio do assunto).
- <sup>5</sup>"*Predictive understanding*" (Schank, 1978:91).
- <sup>6</sup>A constituição dos esquemas será discutida com mais detalhamento na seção 1.2.
- <sup>7</sup>Este princípio, evidentemente formulado em função da linguagem oral, parece-me obviamente adequado também em termos de linguagem escrita.
- <sup>8</sup>Considero irrelevante alguma dúvida sobre se o esquema em questão seria o de VIAGEM ou o de VIAJAR. Sendo os esquemas entidades cognitivas, os mesmos representariam informações referentes a fatos da vida, independentemente de essas informações serem expressas por tal ou qual palavra, desta ou daquela categoria gramatical. No caso, as informações referentes aos itens léxicos VIAGEM e VIAJAR seriam representadas no mesmo esquema.
- <sup>9</sup>A necessidade do conectivo como "pista" para o leitor, em casos nos quais sua expectativa é contrariada, já é discutida na seção 1.3. Por enquanto, o relevante é a evidência de que o leitor tem suas expectativas como corretas até o fim, ao contrário.
- <sup>10</sup>A noção de estratégia tem sido usada "para caracterizar os níveis

dos comportamentos hipotetizados no leitor durante o processo de ler" (Kato, 1983:9). As estratégias propiciariam, "através do uso mínimo das informações disponíveis, as previsões mais confiáveis" (Goodman, 1967:23, apud Kato, 1983:9-10).

## 2. POSSIBILIDADES DE RELAÇÃO SEMÂNTICA ENTRE SENTENÇAS

### 2.1. OBSERVAÇÕES INICIAIS

Como foi visto na seção 1.3, os conectivos parecem funcionar, na compreensão de textos, como auxiliares dos esquemas na construção de pontes entre as informações; ou seja: na apreensão do relacionamento entre as sentenças, quando a informação esquemática, apenas, não é suficiente, a '*sinalização conectiva*' desempenha papel de significativa importância, como por exemplo em

- (7) ? Pedro gosta de Teresa. Namora Juraci.
- (8) Pedro gosta de Teresa. E namora Juraci.
- (9) Pedro gosta de Teresa. Mas namora Juraci.

Dando seqüência ao objetivo de estudar o papel da sinalização conectiva com e na compreensão de textos, vou examinar quatro das muitas possibilidades de relacionamento semântico entre as sentenças contíguas de um texto, possibilidades que denominarei '*traços relacionais*'.

O que chamo de '*traços relacionais*' são as características da relação semântica intersentencial, como pode ser visto a partir de

- (21) O diretor convidou Tânia para um churrasco. Ela aceitou o convite.

e

- (22) O diretor convidou Tânia para um churrasco. Ela é a professora mais bonita da escola.

Ambas as seqüências são constituídas de duas sentenças conecta-

das assindeticamente; portanto, guardam relativa semelhança, em termos formais. Em termos semânticos, contudo, a situação é diferente. Em (21), as sentenças se relacionam basicamente a nível de expectativa: a primeira delas cria uma expectativa (em função do convite do diretor a Tânia) que tem uma resposta positiva na segunda (Tânia aceita o convite). Já em (22) o relacionamento intersentencial básico se dá a nível de causa e consequência: a causa está expressa na segunda sentença; a consequência, na primeira. Em termos como os que usarei a partir de agora, a compreensão de (21) passa pelo traço relacional '*Expectativa*', e a de (22) pelo traço relacional '*Causalidade*.'

As possibilidades semânticas de relacionamento intersentencial existem não apenas entre sentenças contíguas, como (21) e (22), mas também entre sentenças não-contíguas, como

(23) O diretor convidou Tânia para um churrasco. Tânia trabalha no Colégio Joaquim Mattoso Câmara Júnior há três anos. Ela aceitou o convite.

e

(24) O diretor convidou Tânia para um churrasco. Tânia trabalha no Colégio Joaquim Mattoso Câmara Júnior há três anos. Ela é a professora mais bonita da escola.

Em (23) continua havendo o relacionamento existente em (21), mas agora entre sentenças não-contíguas. A informação da primeira sentença — o convite do diretor a Tânia — levanta uma expectativa sobre a aceitação do convite que é confirmada não mais na segunda sentença, mas na terceira.

Algo análogo ocorre em (24), que contém a mesma relação de causalidade presente em (22). A informação da primeira sentença — o

convite do diretor a Tânia — remete a uma causa informada na terceira sentença — Tânia ser bonita — e não na segunda, como em (22).

O processo de compreensão de textos exige que o leitor, a todo instante e de maneira não-consciente, se defronte com traços relacionais como os acima mencionados, os quais estão entre os que serão expostos a seguir.

Passo então a descrever as relações intersentenciais em termos dos traços semânticos relacionais, que serão simbolizados por colchetes contendo o tipo de traço e a realização do mesmo. (A descrição não se dará de forma binária, pois, como será visto a partir da seção 2.2, os traços examinados comportam mais de duas realizações.)

Os exemplos serão dados, sempre que possível, em função de três alternativas de sinalização conectiva: assindética, com e e com outro conectivo.

## 2.2. CARACTERIZAÇÃO DE QUATRO TRAÇOS SEMÂNTICOS RELACIONAIS

### 2.2.1. Traço 'Expectativa'

[1 Expectativa] ([1 Exp]): quando a segunda sentença confirma expectativa criada a partir da primeira sentença. Exemplos:

(25) Pedro caiu da moto. Machucou-se muito.

(26) Pedro caiu da moto. E machucou-se muito.

(27) Pedro caiu da moto. Por isto machucou-se muito.

[2 Exp]: quando a segunda sentença contraria expectativa criada a partir da primeira. Exemplos:

(7) ?Pedro gosta de Teresa. Namora Juraci.

(8) Pedro gosta de Teresa. E namora Juraci.



(9) Pedro gosta de Teresa. Mas namora Juraci.

[3 Exp]: quando as duas sentenças não se relacionam em termos de expectativa. Exemplos:

(28) Pedro tem uma moto Honda. Teresa tem um fusquinha.

(29) Pedro tem uma moto Honda. E Teresa tem um fusquinha.

(30) Pedro tem uma moto Honda. Mas Teresa tem um fusquinha.

### 2.2.2. Traço 'Causalidade'

[1 Causalidade] ([1Caus]): quando a primeira sentença expressa a causa do que é enunciado na segunda. Exemplos:

(31) Josefino perdeu o avião para São Paulo. Chegou atrasado à reunião da diretoria de sua empresa.

(32) Josefino perdeu o avião para São Paulo. E chegou atrasado à reunião da diretoria de sua empresa.

(33) Josefino perdeu o avião para São Paulo. Portanto, chegou atrasado à reunião da diretoria de sua empresa.

[2 Caus]: quando a segunda sentença expressa a causa do que é enunciado na primeira. Exemplos:

(34) Josefino perdeu o avião para São Paulo. Chegou atrasado ao aeroporto.

(35) Josefino perdeu o avião para São Paulo. Pois chegou atrasado ao aeroporto.

[3 Caus]: quando não há relação de causalidade entre as duas sentenças. Exemplos:

- (36) Josefino viaja muito de avião. Pedro anda sempre de moto.
- (37) Josefino viaja muito de avião. E Pedro anda sempre de moto.
- (38) Josefino viaja muito de avião. Já Pedro anda sempre de moto.

### 2.2.3. Traço 'Seqüência Temporal'

[1 Seqüência Temporal] ([1 ST]): quando a primeira sentença manifesta conteúdo temporalmente anterior ao da segunda sentença. Exemplos:

- (39) Maria ficou doente. Seu pai chamou o médico.
- (40) Maria ficou doente. E seu pai chamou o médico.
- (41) Maria ficou doente. Então seu pai chamou o médico.

[2 ST]: quando a segunda sentença apresenta conteúdo temporalmente anterior ao da primeira. Exemplos:

- (42) Maria mora em Brasília. Ela nasceu em Caçapava.
- (43) Maria mora em Brasília. E ela nasceu em Caçapava.
- (44) Maria mora em Brasília. Mas ela nasceu em Caçapava.

[3 ST]: quando as duas sentenças expressam conteúdos de ocorrência temporal simultânea. Exemplos:

- (45) Maria mora em Brasília. Ocupa um alto cargo no Ministério das Relações Exteriores.
- (46) Maria mora em Brasília. E ocupa um alto cargo no Ministério das Relações Exteriores.
- (47) Maria mora em Brasília. Pois ocupa um alto cargo no Ministério das Relações Exteriores.

[4 ST]: quando a sentença primária e a secundária não se relacionam

temporalmente. Exemplos:

- (48) A água é constituída de hidrogênio e oxigênio. O sal é composto de sódio e cloro.
- (49) A água é constituída de hidrogênio e oxigênio. E o sal é composto de sódio e cloro.
- (50) A água é constituída de hidrogênio e oxigênio. Mas o sal é composto de sódio e cloro.

#### 2.2.4. Traço Semântico Realidade

[1 Realidade]([1 Real]): quando as duas sentenças situam-se no campo discursivo do real. Exemplos:

- (51) Julieta é atleticana. Romeu é cruzeirense.
- (52) Julieta é atleticana. E Romeu é cruzeirense.
- (53) Julieta é atleticana. Mas Romeu é cruzeirense

[2 Real]: quando a primeira sentença situa-se no campo do real e a segunda no do virtual. Exemplo:

- (54) Julieta é atleticana. Ela se tornaria cruzeirense, por causa de Romeu.
- (55) Julieta é atleticana. E ela se tornaria cruzeirense, por causa de Romeu.
- (56) Julieta é atleticana. Mas ela se tornaria cruzeirense, por causa de Romeu.

[3 Real]: quando a primeira sentença situa-se no campo do virtual e a segunda no do real. Exemplos:

- (57) Julieta se tornaria cruzeirense, por causa de Romeu. Ela é atleticana.
- (58) Julieta se tornaria cruzeirense, por causa de Romeu. E ela é atleticana.
- (59) Julieta se tornaria cruzeirense, por causa de Romeu. Mas ela é atleticana.

[4 Real]: quando as duas sentenças situam-se no campo do virtual.

Exemplos:

- (60) Julieta gostaria de praticar futebol feminino. Jogaria no Cruzeiro, por causa de Romeu.
- (61) Julieta gostaria de praticar futebol feminino. E jogaria no Cruzeiro, por causa de Romeu.
- (62) Julieta gostaria de praticar futebol feminino. Pois jogaria no Cruzeiro, por causa de Romeu.

## QUADRO 1

## SÍNTESE DOS TRAÇOS SEMÂNTICOS RELACIONAIS

<u>Traço</u>	<u>Realização</u>	<u>Exemplos</u>
Expectativa	[1] segunda sentença confirmando expectativa da primeira	(25),(26),(27)
	[2] segunda sentença contrariando expectativa da primeira	(7),(8),(9)
	[3] sem relação de expectativa	(28),(29),(30)
Causalidade	[1] primeira sentença com causa e segunda com consequência	(31),(32),(33)
	[2] segunda sentença com causa e primeira com consequência	(34),(35)
	[3] sem relação de causalidade	(36),(37),(38)
Seqüência Temporal	[1] conteúdo da primeira sentença anterior ao da segunda	(39),(40),(41)
	[2] conteúdo da segunda sentença anterior ao da primeira	(42),(43),(44)
	[3] co-ocorrência temporal	(45),(46),(47)
	[4] sem relação temporal	(48),(49),(50)
Realidade	[1] ambas as sentenças no campo do real	(51),(52),(53)
	[2] primeira sentença no campo do real; segunda, no do virtual	(54),(55),(56)
	[3] primeira sentença no campo do virtual; segunda, no do real	(57),(58),(59)
	[4] ambas as sentenças no campo do virtual	(60),(61),(62)

### 2.3. As Conexões Intersentenciais Como Feixes de Traços Relacionais

Os quatro traços semânticos relacionais acima apresentados, com suas quatorze realizações, colocam o leitor, em cada conexão intersentencial, diante de quatorze alternativas, das quais ele deverá selecionar quatro. Isto porque o relacionamento semântico entre as sentenças não se dá em função de apenas um traço semântico em cada conexão; ao contrário, em cada conexão se manifestam simultaneamente todos os traços relacionais, cada um deles em uma de suas realizações. Isso pode ser visto a partir de

(8) Pedro gosta de Teresa. E namora Juraci.

Pelo e que liga as duas sentenças de (8), passam [2 Exp], [3Caus], [3 ST] e [1 Rea] .

[2 Exp] ocorre na medida em que a segunda sentença contraria uma expectativa criada a partir da primeira. Com efeito, a informação de que Pedro gosta de Teresa cria expectativa de que ele namore a própria Teresa, e não outra pessoa, conforme é informado na segunda sentença da seqüência (8).

Esta seqüência encerra também [3 Caus]: não há relação causal entre Pedro gostar de Teresa e namorar Juraci.

Em (8) se manifesta ainda [3 ST], pois as sentenças do par remetem a fatos de ocorrência temporal simultânea.

Finalmente, como as duas sentenças colocam informações no campo do real, elas se relacionam também em termos de [1 Rea].

Outro exemplo de que a conexão intersentencial encerra todo um feixe de traços semânticos relacionais, e não apenas um deles, é

(32) Josefino perdeu o avião para São Paulo. E chegou atrasado à

reunião da diretoria de sua empresa.

(32) manifesta simultaneamente [1 Exp], [1 Caus], [1 ST] e [1 Real].

A informação relativa a perda de avião, colocada na primeira sentença, cria expectativa de atraso nos compromissos decorrentes da viagem, o que é confirmado na segunda sentença de (32).

Nesta seqüência ocorre também [1 Caus]: a primeira sentença informa a causa do que é informado na segunda sentença (a perda do avião é a causa do atraso na chegada à reunião).

Em (32) ocorre também [1 ST]: o fato mencionado na primeira sentença (perda do avião) é anterior ao que é colocado na segunda sentença (atraso na chegada à reunião).

E em (32) ainda há [1 Real]: as duas sentenças do par remetem ao campo do real.

A caracterização da conexão intersentencial como um conjunto de realização dos traços semânticos relacionais decorre também da própria formulação desses traços. Em [Expectativa], por exemplo, as três realizações esgotam todas as alternativas possíveis para a manifestação do traço. E o mesmo ocorre com [Causalidade], [Seqüência Temporal] e [Realidade]. Desse modo, só se pode esperar que haja uma realização de cada traço em cada conexão: nenhum traço pode estar "ausente".

Verificando que a conexão intersentencial se constitui como um aglomerado de traços semânticos relacionais, avalio mais claramente a complexidade com que se defrontam, em cada conexão, tanto o leitor que tenta compreender a relação entre as sentenças conectadas quanto o lingüista que tenta explicitar essa compreensão. Conforme mencionei no início desta seção, apenas os quatro traços semânticos examinados já colocam o leitor frente a quatorze alternativas, em cada co

nexão intersentencial. Ora, como certamente há muitos outros traços de relacionamento semântico, implicando em muitas outras alternativas, a situação do leitor me parece bastante complexa, tornando complexa também a descrição lingüística de tal processo.

É por isto que, dentre as muitas possibilidades de traços na relação semântica intersentencial que poderiam ser pesquisadas, inicio a pesquisa com apenas quatro delas. Em área tão complexa e tão pouco investigada como esta, creio que não seria muito prudente começar a pesquisa ambiciosamente.

#### 2.4. Depreensão dos Traços Semânticos Relacionais

No processo de compreensão de textos, o leitor tenta, a todo momento e em nível não-consciente, captar traços do relacionamento semântico intersentencial como os quatro que foram mencionados na seção 2.2.

Visando a explicitar esse processo e partindo dos mencionados traços relacionais, vou examinar os fatores que parecem proporcionar a depreensão dos mesmos pelo leitor, fatores tais como conectivos, afixos verbais, advérbios e esquemas.

Os conectivos desempenham papel crucial na compreensão de sentenças como

(8) Pedro gosta de Teresa. E namora Juraci.

e

(9) Pedro gosta de Teresa. Mas namora Juraci.

Em seqüências como estas, a ausência de e, mas ou outro conectivo adversativo torna difícil ou mesmo impossível a percepção do relacionamento de oposição — ou seja, expectativa contrariada — existente



entre as sentenças, como ocorre em

(7) ?Pedro gosta de Teresa. Namora Juraci.

Em outros casos, o afixo verbal é o principal fator responsável pela captação de um relacionamento semântico, como pode ser visto em

(63) Honorina joga vôlei. Ela gosta de jogar no Atlético, porque seu namorado é atleticano.

e

(64) Honorina joga vôlei. Ela gostaria de jogar no Atlético, porque seu namorado é atleticano.

A oposição real/virtual caracteriza a diferença entre (63) e (64), na medida em que (63) coloca a informação relativa a Honorina jogar no Atlético como um fato e (64) coloca tal informação como uma possibilidade. Esta diferença é captada a partir dos afixos presentes em gosta e gostaria, os quais exprimem, respectivamente, o fato e a possibilidade, ou seja, o real e o virtual.

Hã também situações em que um sintagma adverbial é o que leva o leitor à percepção de um relacionamento semântico intersentencial, como em

(65) Segunda-feira Joaquim foi operado. Terça-feira ele passou muito mal.

e

(66) Terça-feira Joaquim foi operado. Segunda-feira ele passou muito mal.

O relacionamento temporal entre as sentenças que constituem as seqüên-  
cias acima é invertido na medida em que se invertem as posições dos

sintagmas adverbiais segunda-feira e terça-feira. Em (65) entende-se que Joaquim foi operado e posteriormente passou muito mal; já em (66) entende-se que Joaquim foi operado após passar muito mal.

Finalmente, um fator de papel fundamental na compreensão de sentenças é a informação esquemática, ou seja, aquela presente nos esquemas que o leitor vai assimilando durante sua vida (neste trabalho, apresentada na seção 1.2). Em

(67) Marilda adoeceu. Felizmente ela sarou.

a percepção do relacionamento temporal entre as sentenças é feita sem nenhum dos três recursos até agora mencionados. Não há conectivo; os afixos verbais colocam idêntica informação modo-temporal — pretérito perfeito do indicativo; e o único sintagma adverbial existente não exprime informação temporal. Portanto, são mesmo os esquemas de ADOECER e de SARAR interiorizados pelo leitor é que lhe permitem saber que adoeceu precede sarou.

A intervenção de cada um destes quatro fatores na depreensão das possibilidades de relacionamento semântico intersentencial abordadas na seção 2.2. será examinada a partir de agora.

#### 2.4.1. Depreensão do Traço Semântico Relacional 'Expectativa'

Nas três seqüências que exemplificam [1 Expectativa]

(25) Pedro caiu da moto. Machucou-se muito.

(26) Pedro caiu da moto. E machucou-se muito.

(27) Pedro caiu da moto. Por isto machucou-se muito.

a depreensão desta realização do traço semântico relacional parece ser feita a partir do conhecimento de mundo do leitor. Esse conheci-

mento se expressaria nos esquemas de CAIR e de MACHUCAR. O esquema de CAIR teria como uma de suas expectativas a de que o agente (Pedro, no caso) se machuca, expectativa confirmada na segunda sentença dos três pares acima. Portanto, a compatibilização dos esquemas de CAIR e de MACHUCAR, com este confirmando uma expectativa daquele, seria a base da apreensão de [1 Exp] pelo leitor. Neste processo, a sinalização conectiva parece não desempenhar papel relevante, tanto que mesmo quando não há conexão intersentencial assindética, como em (25), a seqüência é perfeitamente compreensível. Vejo nisto uma evidência de que, na captação de [1 Exp], a informação esquemática seria suficiente por si sô.

De qualquer forma, é necessário assinalar que a realização [Expectativa], mesmo não tendo como essencial a sinalização por conectivos, admite-os na modalidade tradicionalmente conhecida como conjunções conclusivas:

(68) Pedro caiu da moto. Logo machucou-se muito

(69) Pedro caiu da moto. Portanto machucou-se muito<sup>2</sup>. etc.

Já a apreensão de [2 Exp] se dá de outra maneira, como fica claro a partir dos exemplos

(7) ?Pedro gosta de Teresa. Namora Juraci.

(8) Pedro gosta de Teresa. E namora Juraci.

(9) Pedro gosta de Teresa. Mas namora Juraci.

A interpretação dos três pares de sentença passa pelos esquemas de GOSTAR e de NAMORAR. Uma das expectativas do esquema de GOSTAR seria a de que o agente deste esquema (Pedro, no caso) queira namorar o objeto do mesmo esquema (Teresa, então). Porém, tal expectativa é con-

trariada em (7), (8) e (9), quando a segunda sentença informa que Pedro namora outra pessoa que não Teresa. Esta contrariedade de expectativa impossibilita a compatibilização dos esquemas de GOSTAR e de NAMORAR, dificultando a captação de [2 Exp]. E a dificuldade é sensível a ponto de exigir a sinalização conectiva para avisar ao leitor que haverá expectativa contrariada: em (8) e (9), a sinalização permite ao leitor superar a dificuldade de compreensão decorrente da contrariedade de expectativa; mas em (7), onde não há sinalização, torna-se muito mais difícil a compreensão.

A sinalização conectiva parece então ser indispensável à captação de [2 Exp]. E os conectivos especializados nesta realização são chamados adversativos:

(70) Pedro gosta de Teresa. Porém namora Juraci.

(71) Pedro gosta de Teresa. Entretanto namora Juraci. etc.

Bem diferente me parece a depreensão de [3 Exp], realização em que não há expectativa a ser captada, como foi exemplificado em

(28) Pedro tem uma moto. Teresa tem um fusquinha.

(29) Pedro tem uma moto. E Teresa tem um fusquinha.

(30) Pedro tem uma moto. Mas Teresa tem um fusquinha.

Vejo duas alternativas para o leitor perceber que em seqüências como (28), (29) e (30) as sentenças não se relacionam em termos de expectativa.

A primeira seria a de exclusão. O leitor, constatando que nos pares acima não há [1 ou 2 Exp], concluiria que, por exclusão destas duas realizações, a que resta é [3 Exp].

A segunda alternativa seria o leitor postular que as sentenças

não mantêm relação de expectativa, a menos que haja informação em contrário — como ocorreu em (25), (26) e (27), [1 Exp], a partir dos esquemas de CAIR e de MACHUCAR, e em (7), (8) e (9), [2 Exp], a partir dos esquemas de GOSTAR e de NAMORAR. O traço semântico relacional Expectativa teria então uma de suas realizações não-marcada ([3 Exp]) e as outras duas marcadas ([1 e 2 Exp]).

Mesmo considerando mais econômica a segunda alternativa, por poupar ao leitor o trabalho de, em cada conexão intersentencial, examiná-la em função de cada uma das realizações do traço semântico relacional, parece-me que a opção teórica por uma das duas alternativas para a apreensão de [3 Exp] é uma questão empírica.

Quero agora assinalar em [3 Exp] a presença de mas em um relacionamento semântico que não é adversativo. Com efeito, em (30) a informação de que Pedro tem uma moto não cria expectativa de que Teresa tenha ou não um fusquinha. Este não é o único caso de mas em situações nas quais não há expectativa contrariada; isto também ocorre, por exemplo, em

- (44) Maria atualmente mora em Brasília. Mas ela nasceu em Caçapava.
- (50) A água é constituída de hidrogênio e oxigênio. Mas o sal é composto de sódio e cloro.
- (53) Julieta é atleticana. Mas Romeu é cruzeirense.
- (56) Julieta é atleticana. Mas ela poderia ser cruzeirense, se Romeu pressionasse.
- (59) Julieta poderia ser cruzeirense. Mas ela é atleticana.
- (62) Julieta gostaria de praticar futebol feminino. Mas jogaria no Cruzeiro, para agradar Romeu.

E finalizo esta seção referindo-me mais uma vez à sinalização conectiva: não encontrei nenhum conectivo especializado na depreensão de [3 Exp]. O que me parece natural: tratando-se de uma realização em que não há propriamente expectativa a ser captada, não vejo que papel poderiam exercer os conectivos.

#### 2.4.2. Depreensão do Traço Semântico Relacional 'Causalidade'

A captação de [1 Causalidade] parece ser feita principalmente com base no conhecimento de mundo do leitor, ou seja, dos esquemas que ele interiorizou em sua experiência de vida. Encontro evidência disto em

- (31) Josefino perdeu o avião para São Paulo. Chegou atrasado à reunião da diretoria de sua empresa.
- (32) Josefino perdeu o avião para São Paulo. E chegou atrasado à reunião da diretoria de sua empresa.
- (33) Josefino perdeu o avião para São Paulo. Portanto, chegou atrasado à reunião da diretoria de sua empresa.

Os três pares de sentença teriam sua interpretação baseada nos esquemas de PERDER (com avião como uma das variáveis) e de ATRASO. O esquema de PERDER teria como uma de suas expectativas a de causar atraso. Esta expectativa é confirmada nas três seqüências acima: a informação de que Pedro chegou atrasado à reunião confirma uma expectativa decorrente da informação de que Pedro perdeu o avião. Assim, são compatibilizados os esquemas de PERDER e de ATRASO. Isto é feito sem necessidade de recursos que não os próprios esquemas, como seria a sinalização conectiva, o que é mostrado por (31), seqüência compreensível mesmo com ligação intersentencial assindética.

E aqui ocorre algo análogo ao que aconteceu em [1 Exp] : mesmo não sendo a sinalização conectiva indispensável à apreensão de [1 Caus], há, além de e, uma classe de conectivos característicos desta realização, as chamadas conjunções conclusivas:

(70) Josefino perdeu o avião para São Paulo. Logo, chegou atrasado à reunião da diretoria de sua empresa.

(71) Josefino perdeu o avião para São Paulo. Por isto, chegou atrasado à reunião da diretoria de sua empresa.

Também em [2 Caus] a informação esquemática parece suficiente para a compreensão, sem necessidade de recursos adicionais como o conectivo. É o que vejo a partir de

(34) Josefino perdeu o avião para São Paulo. Chegou atrasado ao aeroporto.

e

(35) Josefino perdeu o avião para São Paulo. Pois chegou atrasado ao aeroporto.

A interpretação de (34) e (35) seria feita a partir dos esquemas de ATRASO e de PERDER. Uma das expectativas do esquema de ATRASO seria causar perda. E uma das variáveis do esquema de PERDER seria avião (ao lado de ônibus, aula, festa, conferência e outras). Estariam assim compatibilizados os esquemas de ATRASO e de PERDER, possibilitando então a compreensão de [2 Caus] sem sinalização conectiva, o que é evidenciado em (34), compreensível sem dificuldade, mesmo com conexão assindética.

Todavia, a dispensabilidade da sinalização conectiva em [2 Caus] não impede que haja um conjunto de conectivos que exprimem esta rea-

lização, conhecidos tradicionalmente como conjunções causais:

(72) Josefino perdeu o avião para São Paulo. Porque chegou atrasado ao aeroporto.

E a apreensão de [3 Caus], finalmente, seria análoga à de [3 Exp], tratada na seção 2.4.1. Vejo duas alternativas: na primeira, o leitor chegaria a [3 Caus] por exclusão de [1 Caus] e de [2 Caus]; na segunda, o leitor partiria da suposição de que, quando não houvesse informação em contrário, a conexão intersentencial seria [3 Caus], a realização não-marcada de [Causalidade]. Mais uma vez, a opção por uma destas alternativas me parece uma questão empírica.

Quanto ao papel da sinalização conectiva em [3 Caus], vejo que é dispensável, a partir de

(36) Josefino viaja muito de avião. Pedro anda sempre de moto.

(37) Josefino viaja muito de avião. E Pedro anda sempre de moto.

e

(38) Josefino viaja muito de avião. Já Pedro anda sempre de moto.

(36) é perfeitamente compreensível, mesmo com conexão assindética. E não há também conectivo especializado em [3 Caus], diferentemente do que ocorre em [1 Caus] e [2 Caus] mas analogamente ao que se dá em [1 Exp], o que mais uma vez me parece natural: não existindo, a rigor, relacionamento intersentencial causal a ser apreendido, não vislumbro o papel que poderiam desempenhar os conectivos.

#### 2.4.3. Depreensão do Traço Semântico Relacional 'Seqüência Temporal'

Em [1 Seqüência Temporal]



- (39) Maria ficou doente. Seu pai chamou o médico.
- (40) Maria ficou doente. E seu pai chamou o médico.
- (41) Maria ficou doente. Então seu pai chamou o médico.

a apreensão do relacionamento temporal entre as informações que constituem as seqüências parece ser feita fundamentalmente a partir do conhecimento de mundo do leitor, o qual sabe que ficou doente precede temporalmente chamou o médico. O leitor, interiorizando o esquema de DOENÇA, interioriza, como um dos constituintes desse esquema, a expectativa de cura, como momento posterior no processo relacionado à doença. E, ao interiorizar o esquema de MÉDICO, interioriza também a expectativa de cura. Estão assim compatibilizados os dois esquemas, inclusive no que se refere à percepção seqüencial de que as informações do primeiro precedem as do segundo. Em todo este processo, a sinalização conectiva é dispensável, como pode ser visto em (39), absolutamente compreensível sem conectivo.

Devo registrar, porém, que há casos de [1 ST] em que a sinalização conectiva torna-se indispensável: É o que ocorre em

(73) "Aos treze anos da minha idade, e três da sua, separamo-nos, o meu cajueiro e eu. Embarco para o Maranhão e ele fica. Na hora, porém, de deixar a casa, vou levar-lhe o meu adeus. (...)

— Adeus, meu cajueiro! Até a volta!

Ele não diz nada, e eu me vou embora.

Da esquina da rua, olho ainda, por cima da cerca, a sua folha mais alta, pequenino lenço verde agitado em despedida. E estou em S. Luís, homem-menino, lutando pela vida, enrijando o corpo no trabalho bruto e fortalecendo a alma no sofrimento, quando recebo uma comprida lata de folha acompanhando uma carta de minha mãe (...)"<sup>3</sup>

Sem o e que conecta as duas sentenças do último parágrafo, a compreensão do mesmo fica prejudicada. Isto porque a percepção do relacionamento entre ambas as sentenças passa pelos esquemas de OLHAR, na primeira delas (esquema esse que tem como variável a sua<sup>4</sup> folha mais alta) e de SÃO LUÍS, na segunda sentença. O e impede que os leitores situem no mesmo plano temporal as informações relacionadas aos dois esquemas; assinala, portanto, que as informações relacionadas ao esquema de OLHAR precedem as relacionadas ao esquema de SÃO LUÍS.

Vejo então que em [1 ST] a relevância da sinalização conectiva é variável, oscilando entre indispensável, como em (73), e dispensável, como em (39), (40) e (41). Casos como estes três, de dispensabilidade da sinalização conectiva, me parecem, à primeira vista, predominar; de qualquer forma, seria necessário um estudo mais rigoroso da frequência do fenômeno em um trabalho que aprofundasse a variabilidade da relevância da sinalização conectiva, aqui apenas registrado.

Já em [2 Sequência Temporal] a sinalização conectiva parece ser sempre dispensável, como pode ser visto a partir dos exemplos

- (42) Maria mora em Brasília. Ela nasceu em Caçapava.  
 (43) Maria mora em Brasília. E ela nasceu em Caçapava.  
 (44) Maria mora em Brasília. Mas ela nasceu em Caçapava.

Os dados sugerem que a compreensão de [2 ST] passa basicamente pelo conhecimento de mundo do leitor e suas repercussões nos esquemas de NASCER e de MORAR.<sup>5</sup> A sinalização conectiva novamente desempenharia papel irrelevante, como mostra (42), outra sequência compreensível mesmo com a conexão assindética.

Quero contudo assinalar que em algumas circunstâncias o fator determinante na compreensão tanto de [1 ST] quanto de [2 ST] passa a

ser o afixo verbal, como em

(74) Joaquim trabalha no SERVAS e na UFMG. E trabalhará também no INAMPS.

e

(75) Joaquim trabalha no SERVAS e na UFMG. E trabalhou também no INAMPS.

Enquanto (74) se encontra em [1 ST], com o conteúdo da primeira sentença precedendo o da segunda, (75) já se acha em [2 ST], com a primeira sentença apresentando informações posteriores às da segunda. E o leitor dispõe, como pista para descobrir isto, apenas da oposição trabalhará/trabalhou.

Outro fator capaz de levar o leitor a decidir-se por uma interpretação em favor de [1 ST] ou [2 ST] é o sintagma adverbial, como ocorre em

(65) Segunda-feira Joaquim foi operado. Terça-feira ele passou muito mal.

e

(66) Terça-feira Joaquim foi operado. Segunda-feira ele passou muito mal.

A oposição entre os sintagmas segunda-feira e terça-feira é o único elemento que permite ao leitor compreender que em (65) as informações da primeira sentença colocam-se temporalmente anteriores às da segunda ([1 ST]) e em (66) as informações da segunda sentença é que se situam temporalmente anteriores às da primeira ([2 ST]). O papel dos sintagmas adverbiais é significativo a ponto de mudar a relação de causalidade em (65) e (66); nesta seqüência, entende-se que Joaquim

foi operado na terça-feira por ter passado muito mal da segunda-feira — [2 Caus], portanto; em (65), ao contrário, a compreensão é de que Joaquim passou muito mal na terça-feira em consequência de ter sido operado na segunda — [1 Caus], então.

Nestes casos, parece-me cabível considerar os sintagmas adverbiais como conectivos. E os conectivos especializados em [1 ST] e [2 ST] seriam exatamente esses sintagmas, não somente em situações como (65) e (66) mas também em casos como

(76) Juvêncio beijou a sogra. Antes ele cumprimentou o sogro.

e

(77) Juvêncio beijou a sogra. Depois ele cumprimentou o sogro.

em que ocorrem [2 ST] e [1 ST] respectivamente.

E em [3 Sequência Temporal], vejo o conhecimento de mundo como o fator principal na compreensão também desta realização, o que é comprovado a partir de

(45) Maria morou em Brasília. Ocupou um alto cargo no Ministério das Relações Exteriores.

(46) Maria morou em Brasília. E ocupou um alto cargo no Ministério das Relações Exteriores.

(47) Maria morou em Brasília. Pois ocupou um alto cargo no Ministério das Relações Exteriores.

A interpretação dos três pares de sentenças só pode ser feita a partir do conhecimento de mundo do leitor. Os demais recursos vistos até agora, afixos verbais e sintagmas adverbiais, não funcionam no caso — não há sintagma adverbial; quanto a afixos verbais, há um único, o de passado. E a sinalização conectiva mais uma vez se mostra dispensável — (45) é compreensível mesmo com conexão assindéti-

ca. A compatibilização dos esquemas de MORAR e TRABALHAR, com suas respectivas variáveis em Brasília e no Ministério das Relações Exteriores, me parece ser o mecanismo para a compreensão de (45), (46) e (47). Acrescento que a sinalização conectiva, mesmo dispensável, teria como elementos específicos para [3 ST] sintagmas adverbiais indicadores de simultaneidade, como ao mesmo tempo e simultaneamente, por exemplo.

Finalizando, examino a depreensão de [4 ST], realização em que não há relacionamento temporal a ser depreendido:

- (48) A água é constituída de hidrogênio e oxigênio. O sal é composto de sódio e cloro.
- (49) A água é constituída de hidrogênio e oxigênio. E o sal é composto de sódio e cloro.
- (50) A água é constituída de hidrogênio e oxigênio. Mas o sal é composto de sódio e cloro.

Focalizo a depreensão de [4 ST] analogamente à de [3 Exp] e [3 Caus], com as duas alternativas abordadas respectivamente em 2.4.1 e 2.4.2: depreensão por exclusão e depreensão por não-marcação. A decisão por uma das alternativas continua me parecendo uma questão empírica.

Quanto à sinalização conectiva em [4 ST], constato que além de dispensável — como pode ser visto em (48), seqüência assindética absolutamente compreensível — não conta com conectivos especializados nessa realização, o que não me surpreende. Como não há exatamente relacionamento temporal, parece-me que os conectivos não teriam papel a desempenhar.

2.4.4. Depreensão do Traço Semântico Relacional 'Realidade'

Este processo parece diferir bastante da depreensão dos traços relacionais até agora examinados. Até onde vejo, o afixo verbal modo temporal seria o principal fator envolvido na percepção de 'Realidade', conforme constato a partir dos exemplos dados na seção 2.2.4:

[1 Realidade]:

- (51) Julieta é atleticana. Romeu é cruzeirense.
- (52) Julieta é atleticana. E Romeu é cruzeirense.
- (53) Julieta é atleticana. Mas Romeu é cruzeirense.

[2 Real]:

- (54) Julieta é atleticana. Ela se tornaria cruzeirense, por causa de Romeu.
- (55) Julieta é atleticana. E ela se tornaria cruzeirense, por causa de Romeu.
- (56) Julieta é atleticana. Mas ela se tornaria cruzeirense, por causa de Romeu.

[3 Real]:

- (57) Julieta se tornaria cruzeirense, por causa de Romeu. Ela é atleticana.
- (58) Julieta se tornaria cruzeirense, por causa de Romeu. E ela é atleticana.
- (59) Julieta se tornaria cruzeirense, por causa de Romeu. Mas ela é atleticana.

## [4 Real]:

- (60) Julieta gostaria de praticar futebol feminino. Jogaria no Cruzeiro, por causa de Romeu.
- (61) Julieta gostaria de praticar futebol feminino. E jogaria no Cruzeiro, por causa de Romeu.
- (62) Julieta gostaria de praticar futebol feminino. Pois jogaria no Cruzeiro, por causa de Romeu.

Em [1 Real], quando as duas sentenças situam-se no campo do real, os verbos estão no indicativo presente. Já em [2 Real], a primeira sentença, também no campo do real, tem seu verbo no indicativo presente; mas a segunda sentença, no campo do virtual, tem o verbo no condicional. E em [3 Real] inverte-se a situação, em termos de campo discursivo: a sentença colocada no campo do virtual é a primeira, e lá está o afixo -ia, com o verbo no condicional; ao passo que a segunda sentença, agora no campo do real, tem o verbo no indicativo presente. Finalmente, em [4 Real], quando ambas as sentenças se encontram no campo do virtual, trazem consigo o afixo -ia tanto o verbo da oração principal da primeira sentença quanto o verbo da segunda sentença. Em todos estes casos, a informação de virtualidade é dada pelo afixo verbal -ia; a oposição real/virtual passa então pelo que poderíamos chamar de '*sinalização afixal*'. A insuficiência de informação esquemática é suprida por meio não de conectivos, mas de afixos verbais.

A sinalização conectiva é irrelevante, como demonstram (51), (54), (57) e (60), seqüências assindéticas compreensíveis. Além da irrelevância, cabe ressaltar outro fato referente à sinalização conectiva, que é o de não haver conectivo especializado em qualquer uma das quatro realizações de [Realidade]. Isto não me surpreende,

devido à importância que os afixos verbais têm na captação desse traço, em oposição à desimportância dos outros fatores.

[Realidade] parece então ser o primeiro traço semântico relacional em cuja apreensão o conhecimento de mundo não desempenha papel importante. Os dados sugerem que a informação esquemática não proporciona nenhuma informação quanto ao status real/virtual dos fatos, ou seja, qualquer fato pode ser, em princípio, real ou virtual. A compreensão do relacionamento intersentencial a nível das informações relacionadas a virtualidade/realidade passa pelos afixos verbais, isto é, pelo que poderíamos chamar de '*sinalização afixal*'.



NOTAS

<sup>1</sup>Não encontrei casos de [2 Causalidade] nos quais a segunda sentença fosse iniciada com o conectivo e.

<sup>2</sup>Esses conectivos são também sinalizadores de [1 Causalidade], como foi visto no exemplo (33) da seção 2.2.2 e será retomado nas seqüências (70) e (71) da seção 2.4.2. Ocorre que há um relacionamento de implicação entre [1 Expectativa] e [1 Causalidade], no sentido de que [1 Exp] implica [1 Caus]: se uma sentença confirma expectativa criada a partir da sentença precedente, expressa necessariamente uma consequência de algo cuja causa está enunciada na seqüência precedente. Isto pode ser comprovado nos exemplos das seções 2.2.1, 2.2.2, 2.4.1 e 2.4.2. Todavia, se [1 Exp] contém necessariamente [1 Caus], a recíproca não ocorre: pode haver [1 Caus] sem [1 Exp], como em

(78) O papa é contra a Teologia da Libertação. Ele está perdendo prestígio na América Latina.

e

(79) João e Maria foram casados muitos anos. Hoje eles se detestam.

<sup>3</sup>CAMPOS, Humberto de; '*Meu Cajueiro*', in SOARES, Magda.

<sup>4</sup>Do cajueiro.

<sup>5</sup>O leitor, quando interioriza o esquema de NASCER, aprende que o nascimento de uma pessoa precede qualquer outro fato durante a vida dela, como por exemplo MORAR.

### 3. ALGUMAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

#### 3.1. Primeiras Considerações

O trabalho até aqui realizado pode proporcionar algumas implicações pedagógicas, em termos de planejamento e crítica de material didático. Isto porque o estudo dos recursos necessários ao processamento dos traços semânticos relacionais sugere orientações para quem se dedica às tarefas de elaborar e/ou avaliar textos escolares, de todas as áreas. Refiro-me especificamente às conclusões relacionadas aos traços Expectativa e Seqüência Temporal, respectivamente em suas realizações [2 Exp] e [1 ST], no que elas oferecem de obstáculos à compreensão de textos. Tais obstáculos, como serão necessariamente enfrentados pelo leitor, devem estar claros para os que passarão pelo texto antes que este chegue ao leitor comum.

Como foi visto na seção 2.4, são vários os fatores que possibilitam ao leitor a percepção das relações semânticas entre as sentenças que constituem um texto, ou seja, a depreensão dos traços semânticos relacionais nele existentes. Entre esses fatores estão o conhecimento de mundo (informação esquemática) e os dois tipos de 'sinalização' examinados: conectivos e afixos.

Como esta dissertação tem em vista o estudo da 'sinalização conectiva' com e, enfatizo a partir de agora os casos em que esse conectivo tem relevância na depreensão dos traços semânticos intersentenciais. Tais casos são dois, isto é, são duas as situações em que o conectivo e tem importância fundamental na captação de relações semânticas de compreensão potencialmente mais difícil; em outras palavras, são dois os casos em que a sinalização conectiva é obrigatória porque a informação esquemática, apenas, não é suficiente para permitir ao leitor depreender o relacionamento semântico entre

sentenças coordenadas. Esses casos são [2 Expectativa] e [1 Seqüência Temporal].

### 3.2. [2 Expectativa]

O traço semântico relacional Expectativa tem em [2 Exp], realização em que a segunda sentença contraria uma expectativa criada a partir da primeira, um relacionamento intersentencial que se torna incompreensível sem sinalização conectiva. Isto já foi demonstrado com os exemplos

- (7) ?Pedro gosta de Teresa. Namora Juraci.  
 (8) Pedro gosta de Teresa. E namora Juraci.  
 (9) Pedro gosta de Teresa. Mas namora Juraci.

(7) mostra que a informação esquemática, por si só, não assegura a apreensão de [2 Exp] e a conseqüente compreensão da seqüência. É portanto indispensável a conexão intersentencial por meio de e ou dos conectivos tradicionalmente conhecidos como '*conjunções adversativas*':

- (70) Pedro gosta de Teresa. Porém namora Juraci.  
 (71) Pedro gosta de Teresa. Entretanto namora Juraci. etc.

Ressalto que a necessidade de sinalização conectiva em [2 Exp] é categórica: sempre que não há sinalização o relacionamento tem sua compreensão impossibilitada. (Ao contrário, por exemplo, de [1 Seqüência Temporal], em que a necessidade de sinalização conectiva é variável, conforme será visto na próxima seção). Tal fato significa que o leitor, na ausência de sinal em contrário, interpreta inicialmente a relação entre as duas sentenças de (7) como [1 Expectativa], como se

a segunda sentença devesse confirmar as expectativas criadas a partir da primeira; ou seja, o leitor age como mencionado em 1.2.2.3, pressupondo que suas expectativas sejam em princípio corretas. Daí a obrigatoriedade da sinalização quando há expectativa contrariada.

As constatações acima proporcionam duas implicações pedagógicas, duas considerações a serem levadas em conta na preparação e na avaliação de textos, no que se refere à compreensibilidade de [2 Exp]:

- (A) Sem a sinalização conectiva, a compreensão fica sempre prejudicada;
- (B) Portanto, [2 Expectativa] é uma realização que deve ser sempre sinalizada.

### 3.3 [1 Seqüência Temporal]

O traço semântico relacional Seqüência Temporal tem na realização [1 ST] (quando a primeira sentença contém informações que precedem temporalmente as da segunda) um caso em que é variável a relevância da sinalização conectiva.

Este tipo de relacionamento intersentencial é geralmente compreensível sem necessidade da sinalização, que portanto se torna dispensável. É o que ocorre em

- (39) Maria ficou doente. Seu pai chamou o médico.
- (40) Maria ficou doente. E seu pai chamou o médico.
- (41) Maria ficou doente. Então seu pai chamou o médico.

A seqüência (39), assindética, é tão compreensível quanto as seqüências (40) e (41), sinalizadas com conectivos, demonstrando que a informação esquemática, por si só, é suficiente para levar o leitor à

percepção do relacionamento intersentencial temporal existente nas três seqüências.

Todavia, há ocasiões nas quais a sinalização conectiva com e é indispensável à depreensão de [1 ST], como a já mencionada.

(73) *"Aos treze anos da minha idade, e três da sua, separamo-nos, o meu cajueiro e eu. Embarco para o Maranhão e ele fica. Na hora, porém, de deixar a casa, vou levar-lhe o meu adeus. (...)*

*— Adeus, meu cajueiro! Até a volta!*

*Ele não diz nada, e eu me vou embora.*

*Da esquina da rua, olho ainda, por cima da cerca, a sua folha mais alta, pequenino lenço verde agitado em despedida. E estou em S. Luís, homem-menino, lutando pela vida, enrijando o corpo no trabalho bruto e fortalecendo a alma no sofrimento, quando recebo uma comprida lata de folha acompanhando uma carta de minha mãe (...)"*

O último parágrafo de (73) contém duas sentenças conectadas por um e; sem ele o relacionamento temporal entre ambas torna-se de compreensão impossível. O e é indispensável à seqüência para o leitor perceber que as informações relacionadas a S. Luís, na segunda sentença do parágrafo, colocam-se posteriores às informações relacionadas à contemplação do cajueiro pelo menino, na primeira sentença do mesmo parágrafo.

Outro caso de sinalização conectiva necessária à captação de [1 ST] é

(80) ?Pedro esteve em São Paulo. Foi ao Rio.

(81) Pedro esteve em São Paulo. E foi ao Rio

(82) Pedro esteve em São Paulo. Antes foi ao Rio.

A informação esquemática, apenas, é insuficiente para o leitor depre

ender a relação entre as sentenças, tanto assim que (78), assindética, é incompreensível. E a sinalização é decisiva a ponto de inverter o relacionamento temporal: em (79), a partir do e, o leitor entende as informações da primeira sentença como anteriores às da segunda ([1 ST]); já em (80), o conectivo antes coloca as informações da segunda sentença precedendo temporalmente as da primeira, o que modifica a relação intersentencial para [2 ST].

Vejo então que a sinalização conectiva com e em [1 Sequência Temporal] acarreta duas implicações quanto a elaboração e/ou avaliação de textos:

- (A) É necessária a sinalização conectiva com e quando a informação esquemática é insuficiente para a depreensão do relacionamento entre as sentenças;
- (B) É dispensável a sinalização conectiva com e quando a informação esquemática é suficiente para a depreensão do relacionamento entre as sentenças.

## CONCLUSÕES

Creio que foi alcançado o objetivo da dissertação: determinar o papel do conectivo e na percepção, pelo leitor, do relacionamento entre as sentenças contíguas que, em seqüência, constituem o texto.

Para atingir tal objetivo, tornou-se necessário discutir a relação entre os aspectos cognitivo e lingüístico no processo de leitura, o que foi feito em todo o primeiro capítulo da dissertação.

A seção 1.1 verificou a pertinência da hipótese que encara a leitura como um fenômeno de caráter previsivo, baseado no inter-relacionamento entre a informação visual — fator lingüístico — e a informação não-visual — fator em que se encontram presentes tanto o aspecto cognitivo quanto o lingüístico: este, no primeiro tipo de informação não-visual, o conhecimento da língua; aquele, nos outros dois tipos, o conhecimento do assunto e o "*conhecimento de como ler*". A informação visual aciona os esquemas de informação não-visual interiorizados pelo leitor, o que lhe permite fazer as previsões necessárias à compreensão do texto. A seção 1.1 constitui um desenvolvimento de pesquisas anteriores: Smith (1978) — o papel das informações visual e não-visual na leitura; Schank (1978) — a leitura como processo previsivo; Rumelhart e Ortony (1976), Kato (1983) e Perini (1983 e 1984) — a teoria dos esquemas.

Penso que a referida seção conseguiu também elucidar o esforço do leitor para compreender quaisquer seqüências de sentenças, mesmo aquelas que lhe pareçam estranhas, entendendo esse esforço como coerente com o "*princípio da realidade*" enunciado por Clark e Clark (1977): o leitor, na interpretação dos textos, partiria sempre do pressuposto de que eles de algum modo têm sentido.

Na seção 1.2 acredito ter comprovado a importância fundamental das expectativas feitas pelo leitor, para que este possa compreender

o que lê. Além disso assinalei a suposição do leitor de que suas expectativas estejam sempre corretas. E também mostrei que, surpreendentemente, nem todas as expectativas se ajustam à vida real. Finalmente, penso ter deixado clara a importância das expectativas não apenas no processo da leitura, mas também, transcendendo-o, nas mais variadas dimensões da vida humana.

A partir de tudo isto foi possível, na seção 1.3, determinar o papel dos conectivos na compreensão de textos, constatando que funcionam como recursos suplementares dos esquemas, assumindo papel relevante quando estes não são suficientes para permitir ao leitor perceber o relacionamento entre as sentenças que constituem um texto. E neste sentido foi esboçada a noção de '*sinalização conectiva*', considerando os conectivos sinais de trânsito na leitura, incumbidos de proporcionar ao leitor informações corretas sobre o fluxo de informações necessárias à compreensão. Até onde conheço, tal tratamento é inexistente em outros trabalhos que estudam a leitura como processo previsivo.

Já o segundo capítulo da dissertação, explicitando nas seções 2.1 e 2.2 quatro dos traços semânticos relacionais que participam da compreensão de textos, e sugerindo na seção 2.3 que esses traços — concentrados em feixes nas conexões intersentenciais — são processados pelo leitor simultaneamente em cada conexão, a partir dos recursos examinados na seção 2.4 — a informação esquemática e a sinalização, tanto a conectiva quanto a afixal — permitiu desenvolver o modelo teórico da leitura como processo de compreensão previsiva numa direção também ainda inexplorada pelos pesquisadores do assunto. Essa parte do trabalho enfatizou fenômenos pouco estudados que parecem essenciais ao processo de compreensão: os traços das conexões intersentenciais. Foi iniciada a elaboração de um procedimento para estudar esses fenômenos, precisando seu papel no referido processo e ca-



racterizando suas manifestações, tanto a nível lingüístico — quando se trata de sentenças ligadas por conectivos — quanto a nível não-lingüístico — quando se trata de sentenças assindeticamente conectadas. A descrição dos traços relacionais constitui a explicitação de parte do material cognitivo incluído na paisagem mental do leitor, na qual este tenta situar as informações que encontra durante a leitura.

O segundo capítulo da dissertação mostrou também o papel do conectivo e de suprir a insuficiência da informação proporcionada pelos esquemas na compreensão de sentenças relacionadas em função de duas realizações dos traços semânticos estudados, [2 Expectativa] e [1 Seqüência Temporal]. Essa insuficiência de informação esquemática tem caráter absoluto em [2 Expectativa] e variável em [1 Seqüência Temporal], o que torna a obrigatoriedade da sinalização conectiva com e categórica, no primeiro caso, e variável, no segundo.

E o terceiro capítulo do trabalho, discutindo implicações pedagógicas dos dois capítulos anteriores, em termos de elaboração e avaliação de textos, apontou a necessidade da sinalização conectiva com e para tornar plenamente compreensíveis nos textos as conexões de sentenças onde ocorrem as realizações [2 Expectativa] e [1 Seqüência Temporal]. Isto porque os textos, para se tornarem compreensíveis, precisam ser sinalizados sempre que as informações presentes nos esquemas interiorizados pelo leitor não são suficientes para que este possa captar as relações semânticas intersentenciais, o que se dá nas mencionadas realizações [2 Expectativa] e [1 Seqüência Temporal], prejudicando a compreensão de sentenças relacionadas dentro dessas duas possibilidades. O terceiro capítulo, tal como ocorre com o segundo, do qual é continuidade direta, trata de algo até então inexplorado nas pesquisas sobre leitura.

Se a essas pesquisas alguma contribuição soma-se a partir do pre

.59.

sente trabalho, limitado que é devido às circunstâncias próprias de uma dissertação de mestrado, dou-me por satisfeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLARK, H. H. e CLARK, E. V. (1977) Psychology and Language. New York; Harcourt Brace Jovanovich.
- FISHER, D. e SMITH, M. (1977) "An Information Processing Approach", in S. Wanat (ed.), Language and Reading Comprehension. Arlington, Center for Applied Linguistics.
- GOODMAN, K. (1967) "Reading: A Psycholinguistic Guessing Game", in J1. Of the Reading Specialist, 4.
- KATO, Mary A. (1983) "Estratēgias em Interpretaçāo de Sentenças e Comprehensāo de textos", in Cadernos PUC nᵒ 16 - Lingūística (Leitura). Sāo Paulo, EDUC / Cortez.
- PERINI, Mārio A. (1980) Definiçāo Lingūística de Legibilidade. Belo Horizonte, UFMG, mimeo.
- (1983) O Relacionamento dos Esquemas com As Expressōes Lingūísticas. Belo Horizonte, UFMG, mimeo.
- (1984) Esquemas, Expectativas e Paisagens Mentais. Belo Horizonte, UFMG, mimeo.
- RUMELHART, D. E. e ORTONY, A. (1976) "The Representation of Knowledge in Memory", in Anderson, R. C., Spiro, R.J. e Montague, W.E. (eds.) Schooling and The Acquisition of Language. Hillsdale, N. J., Lawrence Erlbaun..
- SCHANK, Roger C. (1978) "Predictive Understanding", in Campbell, Robin, e Smith, Philip T., Recent Advances in The Psychology of Language. New York, Plenum Press.
- SMITH, F. (1978) Understanding Reading. New York, Holt, Rinehart & Winston.
- SOARES, Magda (s/d) Novo Portuguēs Atravēs de Textos - Livro do Professor. Sāo Paulo, Abril.

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal de Minas  
Gerais, fazendo parte da banca examina-  
dora os seguintes professores:

João Antônio Liberti

Magda Becker Soares

Orientador : Mário Alberto Perini

Prof. Mário Alberto Perini, Ph.D.

Belo Horizonte, 1985